

14 NOV 1985

MEMO Nº 0059 /COORD.GT/83

Do: Coordenador do GT Instituído pelo Decreto 88.118/83
Aos: Srs. Membros do GT Port. Interministerial 002/83
Ass: Área Indígena Kulina Médio Juruá
Ref.: Proc. FUNAI/BSB/5406/79

Tendo em vista o Grupo de Trabalho mencionado no parágrafo 3º, artigo 2º do Decreto 88.118/83, submeto à apreciação de Vossas Senhorias, os dados referentes à Área Indígena Kulina Médio Juruá, localizada no Município de Envira, Eirunepé e Ipixuna no Estado do Amazonas.

I - CONSENSO HISTÓRICO

Desde meados do século passado, quando as frentes pioneiras de penetração e colonização começaram a ocupar o Amazonas em busca de extração vegetal especificamente borracha que já começava a valorizar-se no mercado internacional, passou a haver choque entre as comunidades indígenas arredias ou as que não se conformavam em representar "mão de obra" quase escrava e os elementos não-índios recém chegados que queriam extrair o lucro máximo com os produtos da floresta.

Já no baixo Tarauacá e no médio e alto Juruá a situação dos indígenas vem adquirir matriz diferentes, mas não menos dramáticas, pois o efeito dissociativo na estrutura política do povo Kulina na região, provocado por mais de um século de exploração ostensiva, foi muito mais contundente.

Os Kulina, pertencentes ao tronco linguístico ARAUAQUE, "constituíam um dos grupos indígenas mais importantes da região dos rios Envira, Tarauacá, Jordão e Breu. Viviam entre o baixo Tarauacá e o Gregório, e principalmente no rio Eiru e seus afluentes" (GRUBB).

Segundo Rivert, os Kulina se dividiam basicamente em dois grupos, separados especialmente pelo Jamamadi. O primeiro, habitava na margem direita do Juruá, próximo de Mariri, e no Japuá, o segundo mais numeroso, vivia entre o rio Eiru e Gregório.

Conforme o Padre francês TASTEVIN, a ocupação Kulina ao longo do Eiru, é incontestável, e efetivou-se por volta de 1890, quando esse grupo abandonou a região entre o Envira e Tarauacá, acossados pelos seringueiros, e provavelmente também pelos Jamamadi.

Além desse grupo do Eiru outros Kulina igualmente originários daquela região (Envira/Tarauacá), também procuraram novos rumos, uns, foram à foz do Gregório, outros ainda, um pouco mais tarde, seguiam para o alto Purus e o Chandless.

Em 1925, Tastevin resenceou 400 Kulina.

Oppenheim porém, refere-se aos Kulina, como uma das mais numerosas tribos do Juruá que aparentemente excedem a 3.000 indivíduos.

Em 1930, o encarregado do Posto Indígena Rio Gregório percorreu todo o rio Eiru, habitat Kulina, e ressaltou a importância da criação de mais postos do SPI naquela região.

Ao contrário do que se necessitava o PI Rio Gregório veio a ser extinto na década de 40, e aqueles índios Kulina do rio Eiru ficaram totalmente ao abandono.

Esta situação de desamparo, persistiu mesmo após a criação da FUNAI e perdura até hoje.

Em 1983, Severino da Silva e Souza, um dos líderes Kulina, veio a sede da FUNAI em Brasília, solicitar providências quanto a definição de suas terras, já então ocupadas pela família Conrado de Eirunepé.

Os documentos constantes do Processo FUNAI/BSB/5406/79, provaram de uma maneira limpa e cristalina que a área proposta é parte do território imemorial dos grupos Kulina cuja presença é atestada por farta documentação, manuscritos e impressos que alcançaram do século XVII.

II - ÁREA PROPOSTA PELA FUNAI PARA DEMARCAÇÃO

O Grupo de Trabalho instituído pela Portaria nº 1840/E, de 11 de março, foi designado a proceder estudos visando a definição dos limites das áreas indígenas Kulina do Rio Eiru e Kulina dos Igarapês Baú e Penedo, também o levantamento fundiário das mesmas localizadas nos Municípios de Envira, Eirunepê e Ipixuna, no Estado do Amazonas.

Após os trabalhos de campo e de acordo com as comunidades Kulina, o GT resolveu fazer a fusão das Áreas Indígenas referenciadas com a denominação de Área Indígena Kulina do médio Juruá, para facilitar a regularização tendo em vista que trata de imóveis contíguos.

Após os estudos desenvolvidos na região, o GT concluiu pela necessidade de se definir uma área, abrangendo 770.300 ha (setecentos e setenta mil e trezentos hectares), com perímetro de 570 km (quinhentos e setenta quilômetros).

No embasamento desta proposta, foram consideradas entre outros, os seguintes fatores:

I - O caráter de imemorialidade de ocupação Kulina ao longo dos rios mencionados, é sobejamente provado pelas referências históricas.

II - A convicção de que, a sobrevivência daqueles grupos, só estará plenamente assegurada dentro dos limites que respeitem os espaços mítico-religiosos, de extrativismo, de caça, pesca e coleta, necessários ao desenvolvimento satisfatório, de atividades realmente vitais.

III - O momento histórico desse grupo, que demonstra a preservação de seus valores culturais, sendo mesmo bem poucos os índios que falam e entendem o português.

IV - Existência de vários grupos Kulina, que atualmente residem fora da área identificada, por força de pressões das frentes seringalistas, representadas principalmente pela família Conrado.

Esses índios, não abandonaram todavia a área; ali trabalham temporariamente, e jamais renunciaram à pretensão de retornar; inclusive, só estão aguardando a definição oficial para juntamente com os demais que lá se encontram, recomeçarem vida nova, na terra onde nasceram.

III - SITUAÇÃO ATUAL

As relações entre os Kulina e os ocupantes não-índios, são tensas, ocorrendo frequentes conflitos.

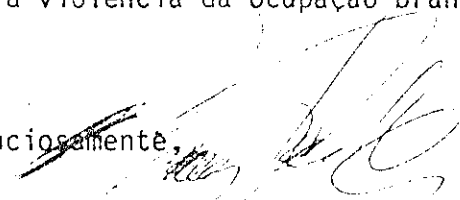
O levantamento efetuado pelo GT (Port. 1840/E/80) registrou 79 não-índios, dos quais 17 são detentores de domínio, 50⁽⁵⁾ são ocupantes posseiros, 02 ocupantes arrendatários, e 01 não foi especificado a situação que explora a sua presumível terra. As benfeitorias das ocupações levantadas foram avaliadas no montante de Cr\$ 177.865.659 (Cento e setenta e sete milhões, oitocentos e sessenta e cinco mil, seiscentos e cinquenta e nove cruzeiros), abrangendo uma área aproximadamente de 165.579 ha.

A população indígena levantada pelo GT é de 915 habitantes índios dispersos em 21 aldeias.

O processo de ocupação da área, pela frente extrativista que deu origem as cidades de Eirunepê, Ipixuna e Envira, foi dramático para os agrupamentos Kulina, resistiram, dispersaram, perderam parte de sua cultura do seu território até subjulgarem-se aos padrões, advindo as epidemias de sarampo, gripe, etc, responsáveis por grande parte da depopulação observada.

Por conseguinte, as migrações dos Kulina, que os caracterizam como semi-nômades, são impulsionadas tanto por características endoculturais, como pela violência da ocupação branca que se perpetua até nossos dias.

Atenciosamente,


JOSE APOENA SOARES DE MEIRELLES
Coordenador - GT